

O código da Salvação

Homilia na Eucaristia de Domingo de Ramos

Ao celebrarmos o Dia de Ramos e o Dia Mundial da Juventude, em plena Capital Europeia da Juventude (Braga), hoje dirijo-me particularmente aos jovens, nomeadamente aqueles que necessitam duma palavra de estímulo e conforto. A vós uma saudação amiga do vosso Arcebispo!

Na vida nós somos confrontados com inúmeros **códigos**: o código do telemóvel, do multibanco, do alarme de casa, entre tantos outros. Trata-se de um elemento confidencial que nos permite aceder a uma outra realidade, informação ou identidade.

Estando praticamente a terminar a caminha quaresmal, na qual propôs um jejum de palavras, hoje a liturgia da Palavra convida-nos a fazer “jejum do ruído/barulho/reacção” para valorizarmos o silêncio. Esta atitude funda-se no comportamento de Jesus, que escutávamos no evangelho.

Perante o beijo traiçoeiro de Judas, a irreverência dos guardas, o gesto insensato de Pedro, as mentiras dos fariseus, as perguntas de Pilatos, a gritaria da multidão, a humilhação dos soldados Romanos, o insulto dos espectadores... Jesus não reage, não luta, não protesta e não desmente: apenas remete-se ao silêncio! Aliás, um antigo provérbio persa diz: “há duas coisas que indicam fraqueza humana: calar-se quando é preciso falar; e falar quando é preciso calar-se!”

Posto isto, podemos discutir dois tipos de silêncio. Há o silêncio que é sinal de fraqueza, quando por medo não falamos as injustiças; e o silêncio que é sinal de nobreza, quando nos calamos perante as provações e baixas calúnias, pois estamos convictos daquilo que defendemos e acreditamos.

Na verdade, “a Palavra de Deus tornou-se muda no mundo.”¹ Porque diante da oferta social de outras palavras, Ela remete-se a um silêncio de ausência, distância, abandono e traição. Contudo, ela é, por excelência, esse **código** que nos revela a identidade de Deus.

Ela revela-nos que o Deus que nos criou, que nos ama e que nos quer salvar, não é um **deus-político**, que promete, promete, promete... e não cumpre metade das coisas. Mas um Deus que cumpre sempre a sua Palavra, tal como nos comprova toda a narrativa do povo bíblico.

Ela revela-nos que Deus não é um **deus-polícia**, que ao mínimo pecado ou erro nosso, castiga-nos imediatamente ou passa-nos logo uma multa. Mas um Deus que, por mais grave que seja o nosso pecado, o seu amor e o seu perdão são sempre maiores.

Ela revela-nos que Deus não é um **deus-bruxo**, que se deixa manipular pelas magias e feitiçarias dos Homens, nem pelos palpites futuristas dos astrólogos da televisão. Mas um Deus que é autónomo, que é superior ao Homem e dotado de onisciência, onipotência e onipresença.

Ela revela-nos que Deus não é um **deus-farmacêutico**, ao qual nós recorremos apenas quando estamos doentes ou entalados na vida por causa da crise. Mas um Deus que está presente nos bons e maus momentos da vida do Homem.

Ela revela-nos que Deus não é um deus como o **Pai-Natal**, que nos dá tudo aquilo que nós queremos. Mas um Deus que apenas nos tem para oferecer as sementes do amor, da verdade, da justiça e da alegria.

Por último, Ela revela-nos que Deus não é como o **Euromilhões**, que só traz a felicidade a alguns sortudos, tal como afirmam algumas seitas religiosas. Mas um Deus que enviou Jesus Cristo para salvar todos os

¹ Bruno Forte, *As quatro noites da salvação*, 51.

homens, onde ninguém está excluído. E porquê? Porque Deus é Amor (1Jo 4,8).

Todavia, não se trata aqui de um amor qualquer, mas de um **amor autêntico** pela humanidade, ao ponto de enviar o seu próprio Filho ao mundo. O Papa Bento XVI sublinha admiravelmente na encíclica *Deus Caritas est* esta verdade: “O amor a Deus e o amor ao próximo estão agora verdadeiramente juntos: o Deus encarnado atrai-nos todos a Si.”²

Mas além de autêntico, trata-se também de um **amor radical**, que chega ao extremo da Cruz. Porque, embora de condição divina, Cristo assumiu a condição de servo, humilhando-se até à morte na cruz, a morte própria da classe dos escravos, como escutávamos na Carta de Paulo aos Filipenses.

Acontece, porém, que Cristo, o verdadeiro Salvador, continua a ser crucificado (assassinado) nos dias de hoje. E os culpados desse homicídio, desta Paixão dolorosa, somos todos nós! E porquê?

Porque **a Paixão e morte de Cristo continua**, quando adoramos o deus da bruxaria, da astrologia e do horóscopo... em vez de adorarmos o Deus transcendente que se revelou na pessoa de Jesus.

A Paixão e morte de Cristo continua, quando nos calamos perante a calúnia, o desprezo e os ataques à Igreja Católica, promovidos pela Maçonaria e outras entidades, em vez de a defendermos sabiamente até às últimas consequências.

A Paixão e morte de Cristo continua, quando estamos na Igreja, não para servir os interesses do Reino de Deus, mas para satisfazer os nossos interesses pessoais.

A Paixão e morte de Cristo continua, quando não fomentamos o amor nas nossas relações familiares, profissionais, escolares ou sociais, pois como afirmava o filósofo Emanuel Lévinas, nós somos chamados a

² Bento XVI, *Deus caritas est*, 14.

amar toda a gente, mesmo até aqueles que nos ofendem, nos ignoram e nos magoam.

E a **Paixão e morte de Cristo continua**, quando não alimentamos a fé, que os nossos pais e avós nos transmitiram com tanto carinho, com a Eucaristia, a oração e a escuta atenta da voz de Deus /leitura da Palavra de Deus, preferindo em vez disso a leitura exclusiva da literatura cor-de-rosa.

Por isso, caros jovens: aceitai o convite que o Papa Bento XVI colocou na mensagem para o Dia Mundial da Juventude, que celebramos hoje: "Alegrai-vos sempre no Senhor!" (Fil 4,4). Em tempo de adversidade, a vossa alegria é o testemunho de uma juventude que, apesar dos entraves sociais, não deixa de lutar, acreditar e projectar um mundo novo com a vossa irreverência e criatividade!

Sem dúvida que o futuro parece sombrio, mas não podemos perder a esperança! Por isso, escrevia com razão o poeta Fernando Pessoa, de um modo figurado: "Deus costuma usar a solidão para nos ensinar sobre a convivência. Às vezes costuma usar o silêncio para nos ensinar sobre a responsabilidade do que dizemos. E outras vezes usa a morte, quando quer nos mostrar a importância da vida".

Para terminar, caros cristãos e particularmente caros jovens, os apóstolos que abandonaram tudo para seguir o Mestre, abandonam agora o Mestre para se agarrar a tudo. À porta da celebração da Semana Santa, é este o pedido que vos faço: não abandonemos o Senhor na certeza de que nisto reside o verdadeiro **código** para acedermos à salvação de Deus.

+ Jorge Ortiga, A. P.
Solenidade de Domingos de Ramos na Paixão do Senhor,
Sé Catedral de Braga, 1 de Abril de 2012.